

O TEMPO

BELO HORIZONTE • ANO 1 • NÚMERO 99 • DOMINGO, 2/3/1997 • R\$ 1,00 (OUTROS ESTADOS: R\$ 1,20)

LEIA NESTA EDIÇÃO

ATUALIDADES	MAGAZINE
TRADUÇÃO SIMULTÂNEA 2	PATRICIA E. SANTO 2
POLÍTICA 3 A 5	NACIONAL 3
NACIONAL 6 E 7	INTERNACIONAL 4
OPINIÃO 8 E 9	NACIONAL 5
ECONOMIA 10 A 14	ALMANAQUE 6 E 7
INTERNACIONAL 15 E 16	PLANETA DIGITAL 8
CIDADES 17 A 24	ROTEIRO 9 A 11
ESPORTES 25 A 28	NIRLANDO BEIRÃO 12

52 PÁGINAS • 28 ATUALIDADES • 32 MAGAZINE • 12 CARRO & CIA



MAGAZINE
Grife mineira quer conjugar sensualidade e elegância em nova coleção
PÁGINA 12

AMANHÃ

O TEMPO CHEGA AO NÚMERO 100

Estréia o colunista social Mario Fontana

A partir de amanhã, O TEMPO publicará coluna diária de Mario Fontana, no Magazine. Atento observador da vida social de BH, Fontana, com estilo elegante e preciso, chega a O TEMPO após 20 anos no jornal "Estado de Minas".

Começam as assinaturas

O TEMPO chega amanhã à 100ª edição. Para comemorar, a Sempre Editora realiza evento no Minas 2, quando apresentará a campanha de assinaturas e planos de expansão. Nesses cem dias, O TEMPO buscou fazer jornalismo de qualidade, contemporâneo e apartidário, tendo o leitor como meta e a isenção como caminho. A partir de amanhã, o jornal terá novos cadernos, colunas e colaboradores.

FHC fala de O TEMPO em artigo exclusivo

O TEMPO publica amanhã artigo exclusivo de Fernando Henrique Cardoso. Nele, o presidente comenta sobre os cem dias deste jornal e fala do papel de uma imprensa livre e forte no processo de mudanças do país.

NOVIDADES DE O TEMPO

Engenho & Arte

Caderno de cultura dedicado às artes, ciências e ao pensamento. Todos os domingos

Mario Fontana

Coluna social diária, no Magazine



TV Tudo

Suplemento completo sobre TV, com reportagens, serviço e programação. Todos os domingos

Linha Direta

Coluna diária de notas políticas, no caderno Atualidades



Mario Fontana, colunista social de O TEMPO

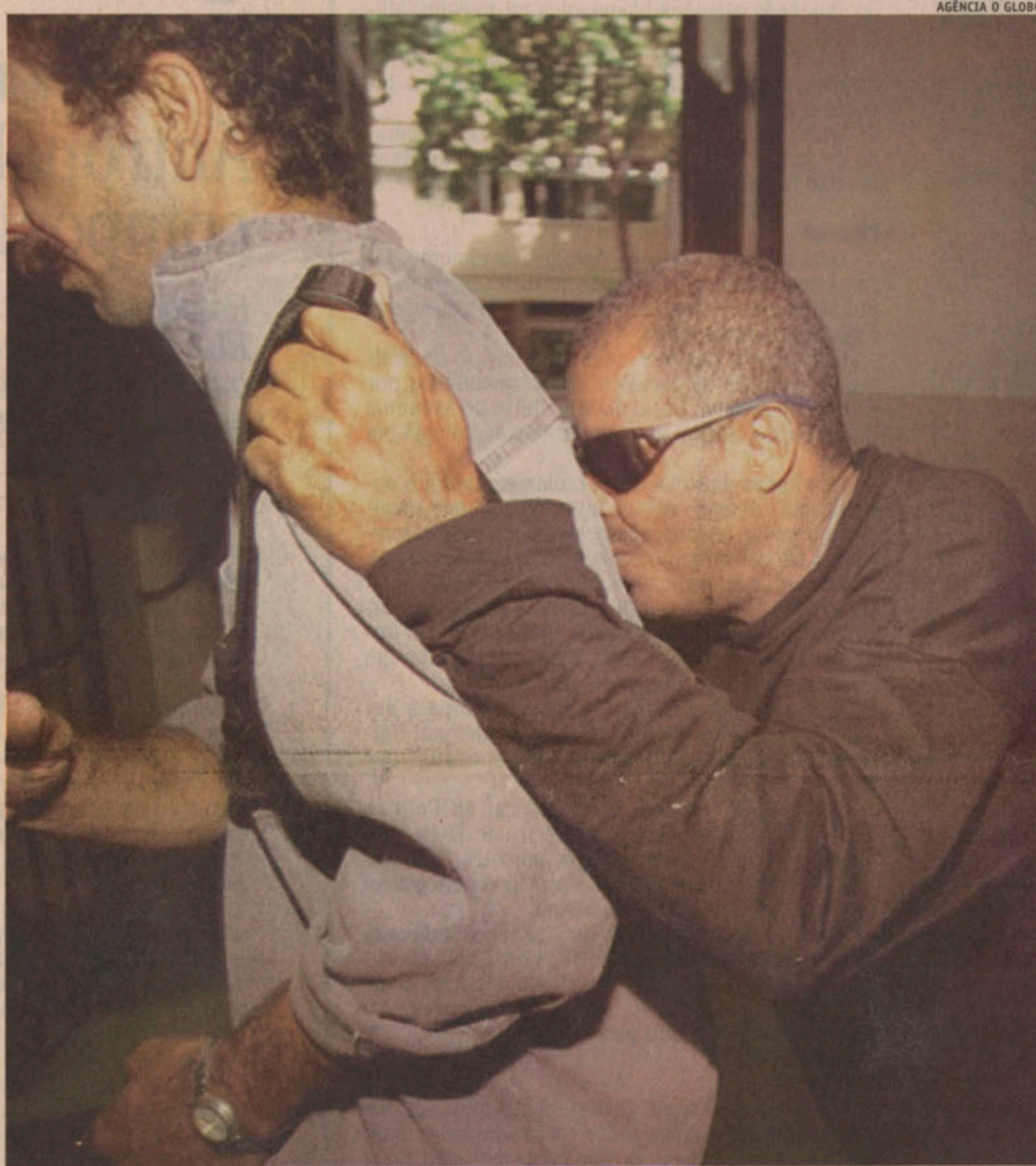
CIDADES

Cidade tem opções de lazer fora da Pampulha

Belo Horizonte conta com 19 parques municipais, oito museus e cerca de 14 feiras de variedades, oferecendo aos moradores e turistas opções de lazer maiores que as da Pampulha. Segundo guia turística, as atrações são desconhecidas por falta de divulgação. A Belotur promete aumentar o número de atrações no centenário de BH. **PÁGINA 17**

Estréia hoje seção sobre saúde e beleza

O TEMPO passa a publicar a partir de hoje, e em todos os domingos, uma seção sobre beleza e saúde. Na estréia, especialistas falam como evitar os problemas de coluna, que atingem entre 3% e 10% dos mineiros. **PÁGINA 19**



Nélio Nazário de Lima (dir.), pai do jogador Ronaldinho, tenta se esconder ao sair da delegacia em Copacabana, no Rio, após pagar fiança

Polícia do Rio prende o pai de Ronaldinho

Nélio Nazário de Lima, 47, pai do jogador Ronaldinho, foi preso na madrugada de ontem, em Copacabana (Rio), acusado de portar um papelote de cocaína. Nazário foi revistado por patrulha do 19º Batalhão da PM quando ia tomar um táxi. O pai do jogador, liberado após pagar fiança, pode ser condenado a pena de seis meses a dois anos de prisão. **PÁGINA 23**

Começa entrega do manual do IR

A Receita Federal já está enviando aos contribuintes os manuais para a declaração de Imposto de Renda. O prazo de entrega vence no dia 30 de abril. Os disquetes serão distribuídos nos próximos 15 dias, e a declaração poderá ser enviada via Internet. **PÁGINA 10**

OPINIÃO

Leia os editoriais de O TEMPO: "Descaso brutal", sobre a hanseníase no Brasil; e "Justiça eficiente", que defende as reformas do Judiciário.

PÁGINAS 8 e 9

NIRLANDO BEIRÃO

São Paulo começa a acreditar que tem agora, como em Paris, uma estação da moda —esta que terminou com o Morumbi Fashion.

MAGAZINE • PÁGINA 12

Terremoto deixa 600 mortos em dois países

Os terremotos que atingiram Irã e Paquistão anteontem já deixaram 600 mortos, segundo as autoridades daqueles países. No Irã, 500 pessoas morreram e o

número de feridos chegou a 2.000. Cerca de 35 mil pessoas estão desabrigadas. Segundo uma agência de notícias, vários corpos foram devorados por lobos. **PÁGINA 15**



KIKA CHAVES



DESCANSO • Trabalhadores sem terra dormem em alojamento em igreja de Nova Era (MG), durante a Marcha Nacional pela Reforma Agrária; a reportagem de O TEMPO acompanhou um dia e uma noite da caminhada dos sem-terra, que percorrem cerca de 20 km por dia. **PÁGINA 6**

MAGAZINE



PREGUIOSO • Em entrevista, Dorival Caymmi fala da nova fase do samba e diz que a mulher é a salvação. **PÁGINA 5**

CARRO & CIA



GUERRA • A Chevrolet entra na disputa pelo mercado das peruas com o lançamento do Corsa Wagon, com motor 1.6 16V. **PÁGINA 3**

TEMPO EM BH

Céu nublado com pancadas de chuvas ocasionais

18°/27°

INDICADORES

POUPANÇA (27/03)	1,2143%
TR (30/01 A 01/03)	0,8162%
DÓLAR (28/02)	R\$
Paralelo (SP)	1,083/1,100
Comercial	1,0507/1,0515
Turismo	1,0300/1,0700

LOTERIA FEDERAL Extração 3.161
1º-15.945 • 2º-27.427 • 3º-55.376
4º-44.338 • 5º-51.012



Dorival Caymmi (em abril de 94), cantor e compositor baiano da velha guarda da música popular brasileira, que mora no Rio há quase 60 anos, mantém uma casa no interior de Minas Gerais, em Pequeri (Zona da Mata), cidade natal de sua mulher, dona Stella

“Os maiores sambistas estão na memória”

Caymmi diz que já não se faz samba como antes e vê na mulher a salvação

AILTON MAGIOLI
REDATOR



Do alto de seus 83 anos, um bem-humorado Dorival Caymmi falou com exclusividade a O TEMPO, na sexta-feira, diretamente do Rio, pelo telefone. Personagem indispensável na história do samba, o “buda nagô” da música popular brasileira aparece aqui de alma inteira, sem tirar nem por. “Preguiça para mim é um estado de espírito”, assume o autor de “Marina”, “Dora” e tantos outros clássicos do nosso cancionário. Em breve, ele promete retomar as raízes familiares mineiras visitando Pequeri, na Zona da Mata, onde além de manter casa, amigos e familiares, a mulher dona Stella nasceu.

Pagode? Axé-music? Timbalada? Nada disso diz alguma coisa ao mestre que acredita ser necessário “bater palmas e pés” para fazer o verdadeiro samba voltar às suas origens. “Tenho esperança na tremenda melancolia que há na música brasileira, hoje”, detecta com fé no fim da artificialidade que reina na mídia. Na opinião de Dorival Caymmi, já não se faz mais samba e nem sambista como antigamente. Sinhô, Assis Valente, Ari Barroso e Ataulfo Alves, no entanto, estão em sua/nossa memória. À mulher, “com a sua inventiva e malícia”, aposta o bom baiano, caberá preservar o nosso maior patrimônio — a música popular brasileira. De “Sambas de Caymmi”, de 1955/Odeon, ao “Songbook Dorival Caymmi/Lumiar Discos”, de 1994, passando obrigatoriamente pelos encontros fonográficos com Tom Jobim e os filhos, a discografia do artista é retrato fiel de sua honestidade. Leia a entrevista e ouça os discos

Como vai a relação da família Caymmi com Pequeri, na Zona da Mata mineira, onde nasceu sua mulher dona Stella?

Mantemos uma casa muito querida lá. Nos últimos tempos estamos em falta com a cidade. Estou tentando passar alguns dias lá porque nos faz muita falta. É um local quieto, agradável, relacionamentos da melhor qualidade, uma população pequena e toda amiga.

Quem ainda tem capacidade para conservar o samba é a mulher, porque ela tem tendência à dança maliciosa, ao requebrado com inventiva

Baiano casado com mineira, o senhor vive há anos entre cariocas. Como esse encontro de culturas contribuiu na formação musical da família Caymmi?

Esse encontro foi bonito. Eu sempre gostei das coisas sem nenhuma fantasia, sem nenhuma mentira. Na minha família, do lado baiano, sempre teve gente chegada à literatura e à música. Do lado de papai, os Caymmi, e do lado de mamãe, os Soares. Todos gostavam de música. Mamãe cantava enquanto papai tocava piano, bandolim e violão. Já a influência mineira mais forte em mim veio da pensão de uma senhora portuguesa, onde fui morar no Rio, em que a maioria dos hóspedes eram mineiros. Lá acabei envolvido entre artistas plásticos, músicos e imprensa.

Foi neste ambiente que o senhor conheceu dona Stella?

Conheci minha mulher já caminhando para a profissão artística. Ela tinha 17 anos e estava em um programa de calouros de sucesso à época, na Rádio Nacional. Num domingo desses de bobeira fui ao auditório da emissora e a conheci.

Os apresentadores eram o Silvíno Neto, humorista e compositor, e o José Mauro, irmão do grande Humberto Mauro, que era redator da Nacional e ao mesmo tempo apresentava programas.

Como vê o fato do mineiro Ari Barroso ter sido um dos autores que mais exaltaram a Bahia na música popular brasileira?

Uma percepção muito boa. Ari Barroso se encantou com a Bahia porque era pianista de teatro e, na época, as companhias faziam turnê pelo País. Ele viajou com um espetáculo de revista e foi aí que se empolgou pela Bahia. Não o conheci por lá. Ari se deu bem na roda estudantil e guardou coisas marcantes da Bahia: a Baixa dos Sapateiros que ele tirou um “s”. Quer dizer, acabou achando coisas pitorescas muito diferentes do Rio e, imagina, de Minas. O traje, a comida típica, toda a cultura que acabou resultando “No Tabuleiro da Baiana”, na obra de motivos baianos. Mas entendo que não foi só ele e nem eu, por ser baiano, que cantamos a Bahia. Muita gente fez a mesma coisa.

Como o samba surgiu na vida de Dorival Caymmi?

Surgiu naturalmente. O samba foi vulgarizado no Rio de Janeiro e se atribui a Ernesto dos Santos, conhecido como Donga, que fez “Pelo Telefone”, a sua origem. Foi aí que saiu pela primeira vez, em disco, o gênero musical samba. Na época, o grande Almirante, Henrique Forés Domingues, explicou tudo em seus programas da Rádio Nacional e da Tupi para todo o País.

Quer dizer que a influência maior do samba em Dorival Caymmi nasceu no Rio de Janeiro?

Bem, eu já tinha sido influenciado pelo rádio, pelo disco, desde menino.

Qual foi a primeira composição do gênero que o senhor fez?

Não me lembro da primeira, mas a tendência era sempre fazer, como por exemplo a música “A Bahia Também Dá”, com a qual eu ganhei um concursozinho em Salvador, promovido por um amigo nosso de imprensa. Quer dizer, dá pro negócio, dá pro samba, pro carnaval. Isso, a grosso modo, foi por volta de 1932, 33, coisa de rapazinho.

O senhor ainda se exercita muito no samba?

Sempre. O ritmo do samba é muito contagiante e nasce mesmo com a gente. Na Bahia, por exemplo, o samba é coisa de rua. Tinha um tipo de samba sem ser comercial, não havia ainda a indústria de música. Havia o samba cantado pelo povo nas festas populares, na forma assim (canta Dorival): “Moinho da Bahia queimou/quem mandou queimar/Moinho da Bahia queimou/quem mandou queimar...” Um dizia um versinho e o outro respondia, tudo em ritmo de samba, em geral com pandeiro de couro de cobra e um instrumento de batoque qualquer.

Dorival Caymmi tem composto nos últimos tempos?

Não, todos sabem que eu nunca tive tendência à produção muito grande. Isto é natural em mim, nunca me valia da quantidade de música. Tanto que para fazer o songbook do Almir Chediak tive dificuldades em encontrar 100 canções para a gravação. Mas está aí o famoso Carlos Alberto Ferreira Braga, o Braguinha, o João de Barro, que está fazendo 90 anos agora em março, que se louva em somar inúmeras obras.

Incomoda ao senhor a máxima de que baiano é preguiçoso?

Não, eu concordo. Para baiano não, prefiro que seja para mim mesmo. Eu me digo preguiçoso porque acho a preguiça um estado de espírito. Essa noite mesmo, dormindo preguiçosamente botei um fone no ouvido, cochilei ouvindo música e acabei dormindo. Depois me dei conta do fone, tirei, e continuei dormindo. Mais tarde, acordei cantando uma música que quero lembrar mas até agora não consigo. Mas o caso é o seguinte: quantidade de música, qualidade, tudo isso depende do autor. A referência à preguiça baiana na verdade é coisa muito explorada pelo humorismo. Dizem que o baiano ao ver um prédio caindo chega para o lado e, somente no dia seguinte, entra em pânico (risos). Quer dizer, 24 horas depois é que ele se lembra da catástrofe.

Axé music e pagode são novidades, admito as inovações, mas nada me encanta. Com sinceridade, eu não ligo timbalada a coisa nenhuma.

Há quem detecte uma crise no samba, diante da invasão do pagode e da axé music na mídia. Como o senhor analisa o assunto?

Olha, não preciso explicar muito porque eu nada tenho a ver com o assunto na sua origem. São novidades, admito as inovações, mas nada me encanta. A palavra axé, por exemplo, de origem negra, do candomblé angolano, chegou à música através de minhas orações à Mãe Menininha do Gantois. Sempre mereceu de minha parte o maior respeito por ser uma palavra sagrada. Aí fizeram a axé music que é uma mescla de inglês com a África.

E a timbalada, o que acha do gênero?

Com sinceridade, eu não ligo timbalada a coisa nenhuma a não ser ao instrumento tímble, usado em orquestra sinfônica, na música clássica, que não tem nada a ver com a Bahia, com a música popular, nada, nada que eu sinta. Mormente, por uma razão básica: eu não moro na Bahia. Daqui a um ano vou fazer 60 anos de carioca. Sou dessa espécie baiana que tem seis décadas de Rio, três gerações de cariocas na minha descendência: os filhos Dori, Nana e Danilo, sete netos e três bis-

netas, todos nascidos no Rio, exceto uma que nasceu na Venezuela.

Final, quais são os maiores sambistas brasileiros na opinião de Dorival Caymmi?



Caymmi: a renovação do samba está vindo por aí

Sambistas verdadeiros, com experiência de samba que eu tive na rua, nas festas populares da Bahia e do Rio de Janeiro, já não temos mais, são poucos. O samba feito atualmente, nesse quadrado de dar um passo para um lado e um passo para o outro, nada tem de samba mesmo. Quem ainda tem capacidade para conservar o samba é a mulher, porque ela tem tendência à dança maliciosa, ao requebrado com inventiva, às saídas bonitas. Enfim, a mulher vai conservar a música brasileira mais do que os homens.

Gostaria que citasse autores.

Os maiores sambistas do Brasil estão na memória. São homens como Sinhô, Assis Valente, Ari Barroso, Ataulfo Alves. Lembrar é difícil, mas tivemos épocas em que o samba era realmente respeitado e cantado na rua com muito gosto. Havia carnaval de rua, o que já não existe mais. Pagode, axé music, nada disso tem influência no chamado samba.

Quer dizer que o samba não está se renovando?

Não. Tenho esperança na tremenda melancolia que há na música popular brasileira, atualmente. Há tanto artificialismo que é preciso bater palmas e pés para fazer o samba voltar ao que era. Ele está vindo por aí, eu tenho fé.

Para encerrar, diga para a gente qual o segredo, afinal o que é que a baiana tem?

Ah, isto é um mistério. A graça de mostrar uma mulher autêntica de rua, sapateando com influências de origem negra, mestiça, misturada à portuguesa... A nossa origem está naqueles versos que dizem assim: Um rosário de ouro/uma bolota assim/quem não tem balangandá/samba no Bonfim... Esse é “O Samba da Minha Terra”.



Caymmi (em novembro de 66): “Eu me digo preguiçoso porque acho a preguiça um estado de espírito”